

viene a ser una reflexión sobre algunos protagonistas del entorno familiar y de su proyección nostálgica en el tiempo.

El lenguaje de Sandro Chiri es coloquial, cotidiano y hasta jergal: "Difícil chamba, poesía", dice, y otras veces, con frustración incontinente usa el bistrú mental para denotar el mal amor: "Dejaré de hablar y de pensar en tus piernas,/ dejaré de siluetearte tus atormentadas ojeras,/ de dibujar tu sangre y tu pancreas,/ tú útero insaciable y tu baja hemoglobina".

Es la rabia personal pero dentro del contexto de esta Lima plena de promiscuidad y tortura: "pagando su pasaje: 'boleto, por favor' y bajo en la esquina, señor", dice el poeta, aunque finalmente tenga que agarrarse como una tabla de salvación en el loco amor —¿qué nos queda?—: "porque lo único cierto bajo este cielo/ eres tú".

Ya un genuino poeta contemporáneo dijo que poesía no es pensar en otra cosa sino pensar más legítimamente las cosas. Este es el camino que ha tomado Sandro Chiri pero con recursos lingüísticos mínimos. Su arte poética, intensa y vivida, ha escogido deliberadamente el lenguaje cotidiano pero con hondas connotaciones. Parecería que la poesía de los ochenta, en sus representantes jóvenes más reconocidos, ha roto definitivamente con la retórica y circunda el difícil sendero entre lo poético y lo prosaico. Sin embargo, Sandro Chiri logra pasar la cuerda floja con autenticidad, con plenitud, con emoción, en un lenguaje confidencial, como confesión y reminiscencia —en primera persona— y como anatema y evocación —en segunda persona—.

El libro del mal amor y otros poemas tangencialmente pero vivida y sentida nos presenta algunos eventos de nuestra historia. Esto, es cierto, no es nuevo, sí lo es su perspectiva intemporal, la quiebra del tiempo, la actualización y las libertades que se toma con los personajes como se puede observar en su poema *Cajamarca*: "El cura Valverde llevándose una muchacha./ El tiempo se ha detenido en este rincón del mundo./ Hernando de Soto esquivándose con su caballo./

Siete de la noche en el pueblo de las heladas./ El gran Atahualpa va perdiendo partida..." Dentro de esta línea está también el poema *Donde se dice que en 1881 103 chalacos cayeron en los arenales de San Juan*, composición en que permanece sórdida la herida de la Guerra con Chile.

La obra que comentamos es el primer libro editado de Sandro Chiri Jaime aunque él no es nuevo en el mundo de las letras. Estamos seguros que tendremos de parte suya otras agradables sorpresas en los mismos y otros rumbos. Es lo que hay que esperar de todo creador auténtico.

Marco Gutiérrez V.
Universidad de San Marcos

Rubem Fonseca. *O Cobrador*. 3a. ed., la. reimpresão. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

"Ora, direis, ouvir estrelas", já dizia o velho Bilac em outras ondas e estilos. Ora dirão, por que resenhar um livro na sua terceira edição? É de se supor que tal livro já tenha sido devidamente apreciado, estudado, quem sabe até dissecado pelos meios competentes. Mas é preciso resenhá-lo de novo, em função não só da obra em si, mas também em função dessa terceira edição em uma mesma década (o livro apareceu primeiro em 1979). Nas letras brasileiras, a reedição de livros, embora não seja fato inédito, é pelo menos incomum. E, como veremos mais adiante, a reedição de um livro como *O Cobrador* é deveramente espantosa.

Conforme argumentado por Silvano Santiago em *Vale quanto pesa*, no Brasil "o objeto livro de ficção... circula de maneira limitada, deficitária e claudicante, numa média de 3 mil exemplares (cada edição) num país de 110 milhões de habitantes..." E a circulação desse objeto de luxo, obviamente, se faz entre uma minoria que, além de ter o privilégio de saber ler, também possui os meios necessários que lhe possibilitam o "ócio"

suficiente para a leitura. Pelos cálculos de Silviano Santiago, um livro bem sucedido no Brasil terá uns 60 mil leitores entre os que o compraram e os que o tomaram emprestado de quem o havia comprado. Ora, se essa é a minoria que dispõe de lazer necessário para ler, essa minoria está entre a elite, e não entre os proletários (Proletários lêem, sim senhor, mas não tanto, e nem com tanto tempo, e nem todos os tipos de literatura. Quem já fez uma pesquisa sobre o que os proletários lêem? ABC de São Paulo excluído, mais uns bolsões de resistência aqui e ali no Brasilão de meu Deus, a maioria dos trabalhadores simplesmente não têm tempo nem instrução nem mobilização ideológica suficiente para tomarem tempo com essas coisas, quando a necessidade de se ganhar o pão de cada dia é cada dia mais premente e o ganho mais difícil). Então, para quem serve um livro como *O cobrador*? A quem se destina e o que pretende conseguir, já que na maioria das vezes os que vão lê-lo não vão estar junto ao grupo de pessoas que o livro procura representar?

O cobrador é um livro de contos. Dez contos. Contos ou crônicas, depende. Nove desses contos são contados em primeira pessoa. Todos os narradores são homens. Em todas as estórias mulheres são comidas, esturpadas, largadas e usadas. Nada de novo até aí, já que esses ingredientes são bastante corriqueiros em muita da literatura brasileira. Mas vamos a alguns ingredientes que dão sabor especial a estes trabalhos.

No primeiro conto, que dá nome ao livro, o narrador é um homem que, cansado de ter seus direitos mínimos negados, sai pelo mundo a "cobrar" da sociedade o que ela lhe deve: "colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela no botequim da rua Vieira Fazenda, sorvete, bola de futebol" (16), e por aí vai, com a lista aumentando dia dia. Na sua faina de cobrar, o narrador sem nome usa qualquer medida, desde pontapé em cuia de cego, a assassinação de muambeiros e de capitalista, passando por estupro de mulheres da sociedade. E o narrador justiceiro não

está abaixo de matar, a golpes de facção, um casal rico cuja beleza e riqueza o enojou. E cuidou de, antes, "desencarnar o feto" da mulher, que estava grávida. E explica: "a moça era filha de um desses putos que enriquecem em Sergipe ou Piauí, roubando os paus-de-arara, e depois vem para o Rio, os filhos de cabeça chata já não tem mais sotaque, pintam o cabelo de louro e dizem que são descendentes de holandeses" (23).

A violência dos contos de *O cobrador* vem com muitas caras, com muitos graus de sutileza. Rubem Fonseca vai cortando, precisão de cirurgião, expondo as vísceras, as imundices, as mentiras. Ora é o velho que seduz meninas de doze anos, ora o policial que assiste as misérias do dia a dia, ora o homem à caça de um fugitivo, ora o detetive desvendando assassínatos e podres de família dos ricos. Sexo, morte, violência, tragédia, comédia, tudo costurado com precisão, com o ponto fino do artesão que sabe o que está fazendo. E dá no que dá: três edições, em dez anos. Vitória absoluta nas letras brasileiras. Mas o que exatamente Rubem Fonseca estará tentando expor com este livro?

O fato mesmo que todos os narradores são homens parece ser uma boa pista para o sucesso do livro. A escrita, "viril" (qualquer que seja o significado que esta palavra tenha), agrada aos homens. Cada brasileiro em posse de suas faculdades mentais, neste momento da nossa história, se sente no direito de ser um cobrador, um justiceiro, e sabe deus quantos há que gostariam de tomar as mesmas medidas que o personagem de *O cobrador* toma. Quantos há também que gostariam de sair caçando um indefinido fugitivo de olhos azuis e encontrá-lo no Amazonas e matá-lo com dois tiros? Muitos, com certeza. E com a aprovação de muitos outros, com certeza, porque essas medidas tomariam os ares de justiça histórica. E Rubem Fonseca deixa seus personagens mesmos narrarem os fatos; quanto menos intromissão do autor, melhor. Daí nós presenciarmos sem véus a violência do personagem do primeiro conto -sem véus e sem pe-

dido de desculpas. Assim vislumbremos o momento de dúvida do personagem de "Encontro no Amazonas". Isto tudo abre caminho para a descarada e constante violência contra as mulheres, em todos os contos. Todas comidas, objetificadas, seduzidas, submetidas, anuladas. Parece que o autor, num ato de extrema honestidade, está servindo aos homens aquilo que eles gostam: violência com impunidade. Mas, ao mesmo tempo, Rubem Fonseca está apontando para o cinismo, a crueldade do sistema. Considerando que quem lê no Brasil está nas capas sociais médias, este livro talvez sacuda a consciência dos leitores. Talvez não. Mas sempre é uma tentativa. Rubem Fonseca é um escritor com os pés fincados na realidade brasileira e, nesta medida, na realidade dos subalternos que ele busca representar. *O cobrador* é um livro violento, mas de uma violência literária necessária para expor à sociedade à sua, própria, e muitas vezes desnecessária, estúpida, incompreensível violência.

Eva Paulino Bueno
Universidade de Pittsburgh

José Castro Urioste. *Aún viven las manos de Santiago Berrios*. Lima, Lluvia Editores, 1991.

Hace apenas un año la prensa peruana y la española le abrieron sus páginas culturales a José Castro por la puesta en escena, en Lima, de su primera obra de teatro *A la orilla del mundo* (1989). Antes que esos comentarios y entrevistas periodísticas se disipen, Castro reaparece ahora con un nuevo libro. Pero esta vez no se trata de teatro sino de un relato.

La narrativa corta en el Perú tiene una marcada tradición realista. De modo que el indigenismo y el neorealismo constituyen las dos grandes vertientes del cuento peruano. Si bien después de los '70 se exploran otras posibilidades, no hay una ruptura con-

siderable ni existe un nuevo cuento. En la reciente generación de cuentistas son raros los cultores que, por ejemplo, hayan seguido la veta fantástica. Por el contrario, la gran mayoría de estos cuentistas continúan profundizando, aunque con cierta tendencia sicologista, los universos del neorealismo: Cronwell Jara, Alonso Cueto, Mario Choy, Ernesto Mora, Alejandro Sánchez y muchos otros que es imposible citarlos. Creo que, con algunas variantes, José Castro se inscribe dentro de esta explosión de narradores cuya obra en proceso de maduración no sólo es abundante sino prometedora.

El prólogo de *Aún viven las manos de Santiago Berrios* corre a cargo de Antonio Cornejo Polar. Con la perspicacia que le caracteriza, Cornejo anticipa muy bien en sus juicios las características y el significado del libro: libertad en la sintaxis, fragmentación en la historia y una aparente simplicidad que, juntando amor y odio en una cadena de violencia generacional, hacen de la muerte y la vida una misma cosa.

Aún viven las manos de Santiago Berrios tiene como ambiente una pequeña ciudad al sur del Perú, que podría ser Tacna y sus alrededores, en la que el mercado, el burdel y el matadero son puntos claves, escenarios de encuentros y desencuentros. Detrás del mercado hallaron vida y muerte los dos personajes míticos del relato, J. Santacruz y Santiago Berrios. En el burdel, "en ese sitio adonde van hombres y esperan mujeres", no hay placer sino disputas a muerte como la que, olvidándolo todo, protagonizaron los hermanos Berrios, Víctor y Manuel. Y el matadero, muy distinto al que nos presentó el argentino Echeverría en el siglo pasado, adquiere niveles de gran humanidad; el mejor degollador, Santiago, es capaz "con los ojos [de decir] al ganado, no te asustes, hoy vas a morir, pero la vida también es eso, no te asustes porque yo soy buena gente y no te voy a hacer doler".

En los doce apartados en que formalmente se estructura el presente relato, concurren tres diferentes voces